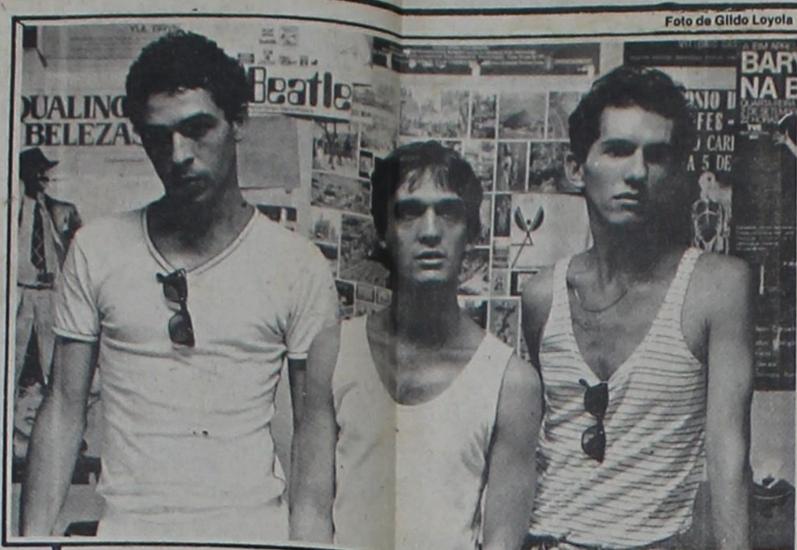


TE 432  
grupo Opus Tupiniquim

Carlos Magno Godoy, Carlos Délio e Marcelo Ferreira

## “El Gran Nanica Circo” estréia quarta-feira

O Grupo Opus Tupiniquim estréia nesta quarta-feira, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, o espetáculo El Gran Nanica Circo, de Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira, os mesmos autores de Universus Sancty Spirits Federalis, que fez muito sucesso na Ufes há alguns anos, ainda quando o grupo se chamava Blulululum. A direção de El Gran Nanica Circo é de Carlos Magno Godoy. No elenco, Marcelo Ferreira, Carlos Magno Godoy, Adriana Vello e Carlos Délio Silva Ferreira. Iluminação de Thomas Edson. Sonoplastia de Antonio Carlos Cuzzuol. Trilha sonora: ópera Opus Tupiniquim — o grupo e o coral da Ufes, sob a regência de Cláudio Modesto; piano — Terezinha Dora Abreu; Glenn Miller e Egberto Gismonti.



A procura da melhor forma de se expressar com o corpo

Tinoco dos Anjos

**A** GAZETA — Vocês acreditam que fazem teatro de vanguarda no Espírito Santo?

**CARLOS MAGNO GODOY** — Depende do que significa vanguarda...

**A GAZETA** — Considere o conceito comum.

**MAGNO** — Nesse sentido, eu acho que fazemos. É um trabalho muito na base do coração, também. O vanguardismo tem muito disso, também. É um tipo de teatro marginal... que, atualmente, está começando a receber um certo apoio oficial a nível de montagem, de se poder levar o trabalho. Mas é tudo muito burocratizante, dá uma tensão terrível no grupo. A gente faz teatro de vanguarda pelo coração.

**A GAZETA** — Mas o que é burocratizante?

**MAGNO** — O acesso, a possibilidade de montagem. A criação do texto é fácil, porque nós utilizamos uma visão do que ocorre na vida, de que tudo que passamos, do ambiente em que vivemos. Nós nos deixamos fluídos a tudo que possa nos penetrar e também a tudo que possa sair como resultado de um trabalho. Agora, para montagem do trabalho, que envolve dinheiro e produção, aí f... tudo.

**MARCELO FERREIRA** — É, enquanto está a nível só de texto, tudo bem. A partir do momento em que você precisa de um local de ensaio, de sair de sua casa, ou buscar a produção, aí as coisas se complicam. E você acaba pondo em choque sua própria concepção do trabalho. Pois se quer um trabalho revolucionário, não pode ficar dependendo de ligações com o Governo de pedir dinheiro ali ou aqui...

**A GAZETA** — Ai está a primeira questão. Embora vocês pretendam fazer um trabalho novo, moderno, não devem esquecer que estão fazendo teatro no Espírito Santo, que tem uma realidade pobre. Como conciliar então essas duas situações?

**MAGNO** — A gente não esquece disso. Agora, a arte não pode ser conciliada com burocracia, capitalismo, isso é difícil.

**A GAZETA** — Na teoria, pode ser, mas na prática, deve ser conciliada, porque é preciso chegar ao público...

**MAGNO** — Eu sei... mas, olha bem, a partir desse momento agora talvez o grupo se limite a pesquisas e estudos. O trabalho de produção deverá ser longo e demorado, como o dinheiro ou a economia do país, que também é longa e demorada... a produção é um trabalho econômico, então deverá ser longa e demorada... Nós deveremos continuar produzindo, mas, agora, levar ao público deverá ser uma coisa longa e demorada.

**MARCELO** — Inclusive, o fato de este nosso trabalho ter atrasado, ou seja, não ter apresentado a peça em novembro ou dezembro conforme havia sido programado foi, em grande parte, culpa do DEC, claro, que não deu a verba quando queríamos, mas não foi só isso. Esse trabalho exige muita pesquisa, muito trabalho corporal nosso, coisa que não tínhamos feito em Universus Sancty Spirits Federalis. É uma outra linha.

**MAGNO** — Outra coisa: nós temos que sobreviver e isso também interfere. Ou você se dedica, se despoja totalmente num trabalho que quer desenvolver ou se divide com as necessidades prioritárias que tem.

**A GAZETA** — Essas dificuldades são comuns a todos os grupos que fazem teatro no Espírito Santo. O importante é saber o que vocês acreditam estar trazendo de novo para esse teatro?

**MAGNO** — O grupo tem dois tipos de trabalho um, comercial, seguindo os padrões comerciais; e o outro, de pesquisa, que é um trabalho interior ao grupo; as pessoas têm que entrar no grupo; é um processo reversível. El Gran Nanica Circo é um tipo de trabalho que pode ser levado a qualquer grande público, que deve ser produzido oficialmente, levado ao público oficialmente, enfim, ter todo esse aparato. Agora, o trabalho de pesquisa de uma nova linguagem, de propostas novas, que o grupo está fazendo ainda não veio ao público. Colocamos muito pouca coisa nesse novo trabalho.

**A GAZETA** — Nesse trabalho de pesquisa, vocês já sabem onde pretendem chegar?

**MAGNO** — Já existe uma linguagem, uma sistemática, um sistema montado.

**A GAZETA** — Então, fale sobre isso.

**MAGNO** — Isso ainda está num processo de desenvolvimento. Eu não poderia falar disso agora. Poderia apresentar daqui a um tempo, um tanto demorado, um trabalho que resumisse esse período de pesquisa. Seria muito prematuro falar agora.

**A GAZETA** — Mas não existem princípios, um ponto de partida, um objetivo ao qual vocês pretendem chegar?

**MAGNO** — São puramente pesquisas estéticas sobre o que vivemos atualmente. Mas é como se fosse um jogo, uma coisa lúdica realmente... Por enquanto, o processo ainda não está pautado, a coisa está ainda um pouco etérea.

**MARCELO** — Talvez esse trabalho que apresentamos, em janeiro, no Parque Moscoso, tenha sido o início deste trabalho.

**A GAZETA** — Explique melhor esse trabalho.

**MARCELO** — Nós estamos desenvolvendo um trabalho de corpo, fazendo uns exercícios, aulas de balé, de dança, inclusive não somente balé clássico, qualquer tipo de linguagem corporal. Esse trabalho do Parque Moscoso foi o seguinte: estudamos alguns personagens, quer dizer, não havia personagens definidos, mas elementos com os quais trabalhamos.

**MAGNO** — Mas o tema principal do trabalho era uma “memória” a Pedro Phillo, artista plástico que sofreu as mesmas barreiras que a arte de vanguarda e revolucionária vem sofrendo atualmente. O problema dele era espaço, moldura... Fizemos um trabalho pensando no problema do espaço cultural. Penduramos um quadro dele numa árvore, com uma corda, fizemos tipo uma gozação... E tinha um texto que falava sobre isso, sobre esse tipo de arte engajada, ofensiva, quer dizer, como é difícil conciliar arte com sistema.

**MARCELO** — Não é tão fácil como parece...

**MAGNO** — No DEC, eles falam: estamos criando espaços. Mas, espaços para promoções. Quero ver espaço para o grupo trabalhar. Para uma produção, tudo bem, mas e para o grupo desenvolver seu trabalho? O teatro está lá para se apresentar, mas e antes disso? E outra coisa: nada funciona perfeito. Tudo fura. Falta uma chave, um dia falta limpeza no camarim, outro dia não tem água para beber, mil coisas...

**A GAZETA** — Mas não seria uma contradição, ao mesmo tempo que vocês pretendem fazer uma arte nova, pretender contar com apoio de órgãos oficiais?

**MAGNO** — Pois é, nós estamos desenvolvendo dois tipos de trabalho: um por conveniência, outro por objetivo. Meu objetivo é pesquisar e esse tipo de trabalho é difícil de ser veiculado. Levar arte para o povo é uma coisa muito complexa. Está se querendo que seja, mais complexo ainda quando deve deixar de ser. Por exemplo, naquele trabalho no Parque Moscoso, o público era classe média baixa, viu o trabalho e respeitou. Agora, esse tipo de público não tem acesso à arte... A pesquisa que a gente está buscando é um pouco hermética, mas o povo liga os elementos. O povo não é burro, não é ignorante, ele sente, tem sensibilidade. E é isso que nós estamos tentando atingir, a sensibilidade. Não é preciso você descer ao nível cultural do povo para ele entender. Você pode continuar sendo hermética, mas utilizar elementos do povo porque ele precisa ter acesso à arte e não só ficar vendo coisas libidinosas, preocupado em ver sexo em tudo. Essa é a educação que o povo tem, a educação do país. O povo é transgredido sócio-economicamente, então ele tem que ter uma visão transgressiva, também. Daí ele vê de uma maneira errônea o trabalho. Mas você levando cultura para o povo, ele entende. Não tem essa de o povo não entende, ele tem sensibilidade. E arte é sensibilidade. Qualquer tipo de arte pode chegar ao povo.

**MARCELO** — Gozado, naquele dia no Parque Moscoso, a gente ouvia as pessoas falando: “É igual lá em casa...”

**MAGNO** — E nós apresentamos de uma maneira lúdica as coisas. Ou seja, o dia-a-dia, mas de uma maneira mais trabalhada, mais pesquisada e por mais hermético que fosse atingiria o público, porque ele tem capacidade para entender.

**A GAZETA** — Até que ponto vocês se afastam ou se aproximam daquela tradicional visão de que o teatro tem que conscientizar politicamente a platéia?

**MAGNO** — Eu acho que o teatro não tem esse objetivo primordial. A primeira coisa que ele tem que ser é uma obra de arte, produção de um grupo que esteja a fim de veicular uma linguagem e um certo tipo de ideologia. O resto é consequência. Agora, se o grupo já tem como veicular nessa consequência o fator político, se já tem isso mente, pode veicular isso na pesquisa. O trabalho não tem que conscientizar ninguém. Ele conscientiza por si só. Quem sente, está conscientizado. Ou seja, quem entendeu, quem captou. Uma obra de arte não tem compromisso com diretiva externa nenhuma. O artista é o canal do mundo, é uma figura impermeável; ele tem que sentir como o mundo sente, ele é a válvula. O mundo, a sociedade vive e o artista é como se fosse sua válvula de

sensibilidade, ele transmite à sociedade o que esta passa e não enxerga. Com a sua sensibilidade, o artista consegue enxergar e transmitir.

**A GAZETA** — Vocês estão pesquisando no campo estético, da encenação e da linguagem. E em relação ao texto? Vocês já montaram duas peças, o Universus e agora El Gran Nanica Circo. Por que não se interessam por textos clássicos ou convencionais, por exemplo?

**MAGNO** — Nós também estamos interessados em inovar no texto. Nós montamos textos convencionais ou de autores conhecidos porque estamos vivendo numa época em que estamos sentindo outra coisa, o que está acontecendo agora, a realidade contemporânea.

**A GAZETA** — O que representou o espetáculo Universus Sancty Spirits Federalis para vocês?

**MARCELO** — Foi o começo de um trabalho.

**MAGNO** — Em termos de trabalho foi como uma brincadeira. O resultado não foi isso, é claro, porque tudo que é sério pode ser engraçado e tudo que é engraçado, pode ser muito sério. Mas o clima com que foi feito o trabalho foi descontraído, descompromissado, afárquico, sem pretensão de linguagem, de texto. Esse novo trabalho já tem uma preocupação com isso, mas nem tanta, porque o grupo já está pesquisando outra coisa.

**A GAZETA** — Mas você está querendo dizer que Nanica já começa a envelhecer antes de estrear?

**MAGNO** — Já estamos pesquisando outra coisa, sim. As coisas vão abrindo na nossa cabeça com o passar do tempo. Nanica é um trabalho de agora e de qualquer momento, mas a nossa visão já partiu para outra coisa.

**A GAZETA** — E o que pretendem com Nanica? Continuam naquela linha satírica de Universus?

**MAGNO** — Não sei se poderia chamar de sátira, porque, realmente, é fruto de uma realidade que estamos vivendo, experiências vividas agora, deixando o limiar da sensibilidade fluir a qualquer problema, a qualquer transformação do meio.

**MARCELO** — Quem diz se é sátira ou não são os teóricos. Agora, nesta peça, tem uma cena parecida com Universus, que é a do chá beneficente do Lions, satirizando a situação toda.

**MAGNO** — Do Universus para este trabalho, sentimos que deveríamos mudar muita coisa. Mas nem tudo, também, sem ser tão radical. Muita coisa fica como característica do grupo, ao mesmo tempo em que no decorrer da peça muita coisa muda. Agora, a partir de Nanica, damos o primeiro passo em relação ao que queremos. Universus foi uma coisa descompromissada, não tinha postura estética, não tinha responsabilidade com nada. Nanica é um trabalho de maior criação, de pesquisa.

**A GAZETA** — Uma das características do trabalho de vocês é o humor, beirando o deboche. Como situam o humor em seus espetáculos?

**MAGNO** — O humor é relaxante, mas não existe aquela postura de humor gratuito, no Universus talvez houvesse. No Nanica, existe um tipo de humor maldito, não é uma coisa estereotipada, tem um significado mais real. Não existem situações engraçadas, ou seja, que tenham o objetivo de serem engraçadas, mas que na verdade o são, entende? É uma mistura de absurdo com surrealismo.

**A GAZETA** — Vocês estão interessados em fazer sucesso?

**MAGNO** — A gente quer que todo mundo entenda, capte e sinta o trabalho. O sucesso é consequência, não é objetivo do grupo. Não queremos trabalhar para o sucesso.

Foto de Gildo Loyola

Foto de Carlito Medeiros

Foto de Carlito Medeiros



Carlos Magno Godoy e Marcelo Ferreira pesquisaram a linguagem corporal para o novo espetáculo

ARQUIVO  
PÚBLICO  
ESPIRITO  
SANTO